

Caderno de
Literatura
nº 20



Caderno de
Literatura
nº 20



WS
editor
Porto Alegre
2011

© Todos os direitos reservados para AJURIS.

Revisão: Maria de Lourdes Vernet Machado

Editor: Walmor Santos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Rodrigo Costa Barboza, CRB-10/1694

C122 Caderno de Literatura nº 20 / Adair Philippsen e Afif
Jorge Simões Neto (Coord.) – Porto Alegre : WS
Editor, 2011.
160 p. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-85-7599-134-3

1. Literatura Brasileira – Poesia 2. Literatura
Brasileira - Crônica I. Philippsen, Adair (Coord.). II.
Simões Neto, Afif Jorge (Coord.). III. Título.

CDU 869.0(81)

Impresso pela Evangraf (Porto Alegre – RS)
em Setembro de 2011.

COPIAR É CRIME.

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



Walmor Souza dos Santos
CNPJ 02.455.818/0001-24
Insc. Est.: 096/2691097
Rua Disnard, 62 / Bairro Santa Tereza
90850-030 – Porto Alegre – RS
Fone/fax: 0 51 3029 7018 / 7028 / 7461

Visite:

<http://www.wseditor.com.br>

E-mail: wseditor@wseditor.com.br

projetoautor@wseditor.com.br

SUMÁRIO

- A guisa de apresentação, por Adair Philippsen e Afif Jorge
Simões Neto, Coordenadores / 7
- Sérgio Faraco / 9
Um mundo melhor
- Rosana Broglio Garbin / 19
Não te preocupes mãe, tenho tudo sob *controle*
- Rosa Maria Weber / 23
Escombros
- Ricardo Zem / 27
Bandido operário
- Ricardo Silvestrin / 31
1, Eu
2
- Paulo Sant'Ana / 35
Eu acredito em Deus
- Paulo Ferrareze Filho / 39
Os 2 centímetros no lençol
- Newton Fabrício / 45
Um caso de Don Florêncio
A bailarina e o poeta aprendiz
- Nelson Oscar de Souza / 51
Alfa e ômega
- Nei Pires Mitidiero / 55
Estábulos
- Marcia Kern Papaleo / 61
ASDFG
Perjuro
- Mafalda dos Santos / 97
Formalismos
- Luiz Antonio de Assis Brasil / 71
A lista
- Luiz Antônio Corte Real / 75
Vida e morte

Juremir Machado da Silva / 79
Meus passeios

José Nedel / 83
Dízimo

José Carlos Teixeira Giorgis / 87
Noite de baile

Humbertho Hartmann Philippsen / 93
Se encontrares o pote de açúcar, comemora

Gladis de Fátima Ferrareze / 99
A mágica do filme
Felicidade

Genacéia da Silva Alberton / 105
Folha de outono

Gabriela Ewald Richinitti / 109
Sobre a importância

Fernando Alberto Corrêa Henning / 113
Calvário

Fabício Carpinejar / 117
Os amigos invisíveis

Elder Boschi da Cruz / 121
Consolo

Durval da Fonseca Fraga / 125
A beleza e o amor

Claudia Tajés / 129
Eu (não) quero ter um milhão de amigos

Claudia Moraes Bartzsch / 133
Entardecer

Carlos Urbim / 137
Admissão ao ginásio

Angela Dal Pos / 143
Cartas

Alancardino Vallejos / 149
Cinzel escuro

Afif Jorge Simões Neto / 153
Feliz aniversário é o que me desejo

Adair Philippsen / 157
Manhã de domingo

A guisa de Apresentação

O começo e o fim de toda a atividade literária é a reprodução do mundo que me cerca por meio do mundo que está dentro de mim. (Goethe)

Convenhamos, é difícil negar: no mundo atual, quase tudo, passa ao largo do lírico possível. Cenas diárias, sobrecarregadas de imagens, desfilam pelo insulfilm dos nossos olhos e pintam o quadro que não queremos: o surrealismo da antipoesia. O filho que sustenta a mãe, rogando, nas sinaleiras, troco miúdo. A gente, antes livre igual os bichos habitantes das matarias, vive hoje reclusa entre cercas elétricas, cumprindo, em presídios que ergueu para si, uma pena sem delito perpetrado e, muito menos, sem sentença condenatória.

E é no embalo da onírica disposição (surrealista, por isso mesmo) de mitigar os contrastes das ilusões do cotidiano arenoso e movediço, que outra vez o Caderno de Literatura da AJURIS vem a lume. À feição de cavaleiro medieval, tenta assegurar, com o cabedal disponível, a inviolabilidade de sua dama que, no caso, é o espaço da arte, esta na representação escrita.

Modesto, porém bem intencionado, o Caderno, com sua indelével marca de humanismo, pelo segundo ano consecutivo, apresenta-se em formato de livro – antes revista, desde a sua gênese, em junho de 1996.

A publicação traz, em seu miolo, a verve literária de colaboradores e, óbvio, a participação de magistrados.

Junto a estes, também, consta o incentivo ao trabalho criativo de seus familiares (Paulo Ferrareze Filho, Humbertho Hartmann Philippsen, Gabriela Ewald Richinitti e Claudia Bartzsch).

Ainda abrilhantam a obra os textos de literatos rio-grandenses convidados a dedo, da envergadura de Sérgio Faraco, Ricardo Silvestrin, Paulo Sant'Ana, Luiz Antonio de Assis Brasil, Juremir Machado da Silva, Fabrício Carpinejar, Claudia Tajes e Carlos Urbim, os quais emprestam porção dadivosa do talento reconhecido pela crítica dos que entendem do riscado.

Dito isso à guisa de apresentação, desejamos lindas imagens aos que viajarem na janela das páginas de nosso vigésimo Caderno de Literatura.

Primavera de 2011

Adair Philippsen e Afif Jorge Simões Neto,
Coordenadores

SÉRGIO FARACO

Contista, cronista, historiador, ensaísta e tradutor. Dono de vasta obra, seus contos foram publicados nos seguintes países: Alemanha, Argentina, Bulgária, Chile, Colômbia, Cuba, Estados Unidos, Luxemburgo, Paraguai, Portugal, Uruguai e Venezuela.



UM MUNDO MELHOR

Para Jacob Klintowitz

Na tragédia, não agem as personagens para imitar caracteres, mas assumem caracteres para efetuar certas ações.

ARISTÓTELES

Poética, VI, 145-32

A ilusão da arte, por certo, é fazer com que se acredite que a grande literatura é muito ligada à vida, mas exatamente o oposto é que é verdadeiro. A vida é amorfa; a literatura, formal.

FRANÇOISE SAGAN

Entrevistas à Paris Review 1957-63

– Amanhã venho te buscar para o ensaio – disse Russo.

Partiu o amigo, deixando-o no pórtico da galeria que ia dar no saguão do hotel. Absorto, não notou que o lugar, mal iluminado, estaria deserto, não fosse um grupo de jovens, cinco ou seis rapazes e uma garota, em suspeito silêncio no recuo de uma vitrine.

Ao perceber que o olhavam, era tarde.

O bando o cercou.

Enquanto uns o imobilizavam, outros lhe vasculhavam os bolsos. Quis reagir, e a garota, uma loura sardenta de

olhos claros que até então mantivera-se à parte, saltou à sua frente com uma faca. Cessou de se debater, mas isso não evitou que um dos rapazes o esmurrasse no nariz, que começou a sangrar.

– Não deixa melar o casaco – gritou a garota, e suas pupilas faiscavam na contraluz da vitrine.

Também roubaram os sapatos e a carteira. Antes da fuga, um safanão o derrubou. Ouviu vagamente a correria na direção da rua, mas não se moveu de imediato, menos por cautela do que por pasmo. Quando pôde levantar-se, algumas pessoas acorriam e o ajudaram a andar até a portaria do hotel. O nariz ainda sangrava, e o gerente, após certificar-se de que não estava tão mal, ofereceu-lhe um copo d'água e um lenço de papel.

– Quer que chame a polícia?

Não, não valia a pena.

– Não levaram cheques, cartões?

Tinham levado.

– Convém fazer a ocorrência e avisar seu banco.

Sem casaco, descalço, sem dinheiro e documentos, tomou o elevador com participantes de um seminário de lojistas, cidadãos de próspera aparência, com ternos alinhados e impecáveis colarinhos, que o relancearam como a uma parede, como se o não vissem.

À noite, quase não dormiu.

Ler era impossível.

Se fechava os olhos, via os jovens se acercando, a disposição deles, o olhar de aço da garota, o lampejo da faca, e ressentia o murro no nariz. Figurava a garota com ódio, depois se compadecia e ódio outra vez a estremecê-lo, então acendia a luz de cabeceira e sentava-se na cama, ofegante e a transbordar rancores. Quanta ironia, quanto

escarmento em seu papel de vítima. Logo ele, um dramaturgo cujas obras a crítica iconizara como fotografias sem retoques das tumultuosas noites urbanas, a brutalidade tão crua quanto aberrantes os processos que a deflagravam. Contra esse conspícuo arauto da violência rebelavam-se seus arquétipos – uma cena burlesca em que os infantes de Cronos cometessem parricídio.

À lembrança do trabalho seguiu-se um conforto: não perdera a vida, como tantos, tampouco se ferira com gravidade e – um truísmo – continuava bem-parado em degrau muito acima daqueles sebentos que, mais dia, menos dia, acabariam na prisão ou a estertorar em periféricas sarjetas. Admitiu que a noite fora menos perversa do que poderia ter sido. Descontados o pequeno inchaço no nariz e o prejuízo material, uma bagatela, nada mudara. Era um autor bem-sucedido, o que lhe facultava, com um pouco mais de prudência, conservar-se distante daquele universo ignóbil, cuja utilidade em sua vida era tão-só a de papel-carbono. Não era assim que produzia suas exitosas peças, estereotípias do noticiário policial? A arte copiando a vida, como queria Sêneca? A vida como ela era, sim, trocando apenas de cenário: no lugar da rua escura, o palco enfumaçado à meia-luz.

E começou a se tranquilizar.

E apagou a luz.

Pelas frestas da veneziana viu que clareava o dia, uma nova manhã após o árduo combate, e lembrou-se de Homero: *Quando a aurora de róseos dedos, filha da manhã...* E sem saber que a lembrança já era um sonho, dormiu até perto do meio-dia.

Almoçou no restaurante do hotel.

Dormiu novamente e, à meia-tarde, despertou indisposto. Ou não era bem isso, antes algo que o inquietava,

que o estranhava. Como se mal se reconhecesse ou recém começasse verdadeiramente a se reconhecer, como se o incidente na galeria – que outra coisa haveria de ser? – lhe tivesse aberto um portal misterioso cujo limiar receasse atravessar, e surpreendeu-se murmurando algo que lhe vinha à lembrança nas horas de incerteza: *Eu, o verme, reconhecendo este tecido de alma ausente...*¹ E foi com um princípio de náusea que viu seu rosto no espelho da pia.

À noitinha, Russo veio buscá-lo. Cogitou de desistir do programa, fazer a mala e antecipar a passagem de volta, mas como poderia, se viera à cidade a convite, para ver o ensaio da peça de que era autor?

E foi e logo se aborreceu, a esgrimir com a absurda sensação de que o texto não lhe pertencia ou, se pertencesse, era produto de aquoso e insípido crisol que agora se esvaziara para dar lugar a outras e ainda ignotas misturas. Molestava-se também com as intervenções de Russo e as repetições de cada cena. Russo queria verossimilhança, e o protesto concernia, mas queria também que a representação ultrapassasse sua própria essência, ou seu limite. Chegou a gritar com um ator:

– Não quero representação, quero vida!

Mais vida? E ele ouviu aquilo como a um desaire, como se alguém, por certo ele mesmo em outra dimensão, com outro rosto e redescoberta alma presente, estivesse a lhe apontar o dedo acusador.

Após o ensaio, foram jantar no hotel.

Conversaram sobre a peça, sobre os atores e o que Russo deles exigia, e em dado momento o escritor, quase sem querer e com ligeira impaciência, viu-se observando que a arte obedecia a certas leis que se desavinham com a vida real: cada elemento precisava ter sua existência justificada e esta era a harmonia. A vida não era assim.

¹Início do romance *À beira do corpo*, de Walmir Ayala. (N. E.)

E acrescentou:

– Quando pedes menos representação e mais vida estás pedindo uma arte menor.

O outro abriu os braços.

– Que é isso? Crítica ou autocrítica? Agora descartas teu bem-amado Sêneca? Como podes pensar que um texto ou uma representação se aproximem da arte na mesma medida em que se afastem do que é real?

– Não foi o que eu quis dizer, ou foi, mas de outro modo. Não é uma questão de distâncias. A arte tem de ouvir, como Bilac disse a João do Rio, tem de ouvir e registrar todos os gritos, todas as queixas, todas as lamentações do rebanho humano. Mas é um registro como representação, não um fac-símile. Não te parece que essa enunciação de nosso príncipe, considerada isoladamente, está incompleta?

Então o que dissera, ou ao menos pensara, era que a vida, afinal, era o que era ou o que já tinha sido, um caótico *enjambement* de acasos, “uma história repleta de som e fúria, contada por um idiota”² – como não lembrar essa clássica dedução? –, não um organismo ou um sistema que se provasse por ambicionar determinado fim. Ela não buscava o belo ideal, não buscava, como a arte, o mundo melhor. Quisera dizer, então, que a arte tinha de ser basicamente transformadora, e que seu desígnio não era se parecer com a realidade e sim corrigi-la. E acabava sendo – a verdadeira arte – uma imprescindível, primorosa e verossímil mentira. Ou não propriamente uma mentira, mas o que a realidade poderia ou deveria ser...

– ...se viver fosse uma arte.

Russo o olhou por um instante.

– Balzac?

² *Macbeth*. Ato 5º, Cena 5. (N. E.)

– O belo ideal? Sim e não. Foi o que ele ouviu e aca-
tou, dito pela mãe de Madame de Staël.

– Acho que entendo. Me serves uma sopa canônica,
de Balzac a Schopenhauer, com pitadas quânticas e co-
lherinhas de Shakespeare e Voltaire... não te faltou uma
receita grega? Não era para tanto. Ou muito me engano
ou, se me permites, sem que a comparação te ofenda,
estás dando voltas como burro de olaria só para dizer que
minha direção não te satisfaz.

– Só estamos discutindo, meu diretor. Nunca te
contaram que a dialética da controvérsia favorece a diges-
tão? – e tratou de mudar de assunto, relatando o que lhe
ocorrera na véspera.

– O teu nariz... – observou Russo, sinceramente pesa-
roso. – E numa hora dessas, eu aqui a tagarelar sobre arte.

– Foi um incidente comum.

– E não terminou tão mal.

– Melhor foi o que veio depois.

– Como? Tem mais?

– Hoje à tarde saí, dei uma caminhada. Adivinha
quem encontrei num trailer de cachorro-quente.

– Os ladrões!

– A loura.

– A loura!

– A loura sardenta, a da faca. Ela e um menino.

– Nossa, não sei o que eu faria.

Ele se aproximara e a agarrara pelos cabelos. E ago-
ra, sua putinha? O menino fugira, continuou, e imagina o
espanto das pessoas ao redor, tentando compreender. E
diante dele, aqueles olhos não mais implacáveis, olhos de

medo e lágrimas de uma pobre menina assustada. E vira também naquele olhar uma saga de miséria e desespero – a versão dos derrotados, como o eram aqueles meninos. Que dos vencedores, como os engravatados do elevador, não obtinham sequer um átimo de reflexão, que dirá um gesto de compreensão, solidariedade e respeito humano.

– Vi nesse reencontro o teatro.

– Viste a vida, meu amigo. A vida como ela é.

– Não, o teatro. Acreditas se te disser que a soltei e fui embora?

Russo ergueu o cálice:

– Aos teus novos e indistintos conceitos não vou brindar, mas gostaria de fazê-lo à tua atitude. Um perfeito epílogo.

O outro brindou, com um ligeiro sorriso.

Mais tarde, quando se despediram à porta do hotel, ele ficou parado, vendo o amigo afastar-se pela galeria. Um brinde impróprio, claro. Perfeito epílogo? Ora... Russo desprezara seus argumentos e acreditara piamente no reencontro com a garota – pensava ver nele a plausível harmonia, a absoluta comunhão entre arte e vida. Seus postulados se engrenavam, coerentes. Mas que pena essa coerência! Russo nem ao menos suspeitara de que aquele reencontro no trailer jamais acontecera e era tão-só uma correção literária do incidente – o mundo melhor –, isto é, a peça que um dia talvez pudesse escrever, desde que ele mesmo também se corrigisse, convertendo-se no autor que agora desejava ser.



ROSANA BROGLIO GARBIN

Juíza de Direito.
Doutoranda na Faculdade de Direito
da Universidade de Lisboa.



NÃO TE PREOCUPES MÃE, TENHO TUDO SOB *CONTROLO*

A língua tem vida própria. Adapta-se ao local e ao tempo. Guarda termos a sete chaves que, por vezes, ressurtem sem avisar. De pai para filho e vice-versa, podemos constatar a sua dinâmica. Foi assim que me deparei com uma língua mãe tão diferente na fonética, no vocabulário, no sentido e, é claro, nas gírias.

No auge de seus seis anos, foi ele, o *miúdo* da família, quem melhor se adaptou a essa velha/nova língua.

– *Se calhar, vamos de comboio.*

Comboios, autocarros, eléctricos, metro logo entraram para o vocabulário infantil, que, ainda assim, distinguia bem o português de Portugal e o português do Brasil.

Na escola, estavam a organizar um acantonamento. Eu ficava apreensiva só de pensar, mas o *miúdo* tranquilizou-me: – Não te preocupes mãe, tenho tudo sob *controlo*.

E tinha mesmo. Fazia parte da *equipa* dos passeios. Tinha que descobrir os melhores *sítios* para visitarem, e depois discutir com toda a *malta*. Prometeu que seria cuidadoso e que não se *magoaria*. Sim, há muito que deixou de usar o termo *machucar*, mesmo para pequenos acidentes físicos. Eu tinha imensa dificuldade de *perceber* certos significados que por ele foram introduzidos com muita facilidade.

Isso sem falar nas gírias lisboetas. Tudo era *giro*, e mais adiante *giríssimo*. Ou era *fixe*, e mais que isso *bué*

da fixe. Bué é muito: bué calmo, bué bom, bué... Desde a *pastilha elástica* que gostava de mascar até os passeios na praia em *fato de banho*, tudo era *bué da fixe* para ele.

Tornou-se *adepto* da maior *equipa* de futebol lisboeta de sempre e ficou fã do *guarda-redes*.

Por vezes, andava em *sarilhos*: uma briga com um colega, uma tarefa mais difícil. Eu a tentar auxiliar era frequentemente repreendida: – Não diga *parvoices* !

A *parva* era eu que, além de tudo, na grande maioria das vezes, não entendia o sotaque com que as palavras eram pronunciadas. *Stbal* (Setúbal), *Blem* (Belém) eram palavras incompreensíveis. A tradução era feita pelo *pequeno*, que, não só aprendia novas palavras como também afiava o ouvido para fonéticas diferentes.

Por *tlfone* (telefone), então, era-me impossível a comunicação. Eu falava “três”, e compreendiam “treze”. O *miúdo* esclarecia: – Mãe, tu tens que falar “treis”!

Que os portugueses não soubessem o que é “meia” eu até *percebia* bem, afinal é coisa de brasileiro, que sabe que é *meia dúzia*, e não *meia dezena*. Logo abandonei o “meia”, mas ter que falar chiadinho para que fosse compreendida já era demais. Com o passar do tempo, contudo, também eu comecei a utilizar termos e expressões lusitanas.

Se calhar, estás a perceber. Giríssimo, pois não?

ROSA MARIA WEBER

Ministra do Tribunal Superior do Trabalho.

Ex-Presidente do Tribunal Regional
do Trabalho do RS e ex-Corregedora Regional
da Justiça do Trabalho.



ESCOMBROS

Rente ao ouvido
o crepitar da faca na polia
– turbilhão que subverte
devassa
açula

*(dentes cerrados
engulo o grito
perdida no rastro da memória)*

Rente ao ouvido
o roçar tensionado da lâmina
– murmúrio que fagulha

*(amordaçado o instante,
perco-me no ainda)*

Rente ao ouvido
o silêncio é voragem:
escancara-se e devora

*(rasgo a lembrança
engolfo-me no medo
anoiteço)*



RICARDO ZEM

Juiz de Direito no RS.



BANDIDO OPERÁRIO

O bandido é quem move a estrutura do país
O bandido é quem garante o salário do juiz
E nesse barco também navegam o delegado,
[o promotor

Que sustentam a família com o labor do malfeitor
Sem falar no escrivão, no inspetor, no carcereiro
E ainda tem o advogado, outros togados e o cozeiro
Também nessa engenheiros e operários da civil
Fazem celas e cadeias para esse povo varonil
Até da polícia que o combate ele resolve o problema
Tem o carro, o uniforme, o revólver e as algemas
E a mídia cobre tudo e com detalhes mostra o bandido
Dê-lhe flash, dê-lhe fotos, é manchete o oprimido
Deputados, assessores e o Senado Nacional
Vão no embalo, buscam votos, cadeia pro marginal
Bang-bang, bang-bang, bang-bang, isso aí.



RICARDO SILVESTRIN

Poeta, músico, ensaísta, cronista e contista.

Integra a banda poETs. Obras mais recentes:

O menos vendido, Poesia (Nankin, 2006),

Play, Contos (Record, 2008).

Transpoemas, Poesia infantil (Cosac Naify, 2008),

A moda genética, Poesia infantil (Ática, 2009),

O videogame do rei, Romance (Record, 2009).



1

EU

Véu que revela
e oculta
conforme a vontade
do vento.

Sombra do som,
senda no sonho,
aqui se esconde um eu
livre de mim e de você.

Aonde ele vai,
por que ele é assim,
ninguém pode saber.
Um eu em terceira pessoa.
Senhor absoluto
da sua casa de papel.

(Do livro *O menos vendido*)

2

estava aqui agora mesmo
onde fui parar
entre o movimento e o momento
num contratempo, um alugar
paina planando no vento
mosca de tarde no bar
se não me engano era eu mesmo
esse que saiu pra passear
ponte pênsil do pensamento
lá vou eu ou o que seja
um instante fora do ar

(Do livro *Palavra mágica*)

PAULO SANT'ANA

Colunista do jornal Zero Hora desde 1971
e comentarista da RBS TV e da Rádio Gaúcha.

Obras publicadas: *O Gênio Idiota* (1992),
O melhor de mim (2005) e *Eis o Homem* (2010).



EU ACREDITO EM DEUS

Gostaria de dizer, para quem interessar possa, que acredito em Deus.

E acredito em Deus principalmente porque, se não acreditasse, estaria crendo em coisas muito menos atraentes do que ele, perdendo tempo assim com elas.

Quando leu no computador a primeira frase desta coluna, o colega Nílson Souza me disse que já sabe que eu acredito em Deus, "o problema é saber se Deus acredita em ti".

Resposta pronta minha ao meu colega: "Claro que Deus acredita em mim, se não acreditasse, não teria me enviado para este inferno aqui da Terra."

Já o colega Moisés Mendes zombou da minha crença: "Deus é a melhor invenção da humanidade."

E eu retruquei imediatamente: "É o contrário, a humanidade é a pior invenção de Deus."

Prezo menos todas as outras teorias sobre a origem da vida do homem na Terra do que a de que foi Deus que nos mandou para cá.

Inclusive a teoria evolucionista de Darwin, que não descarto, mas que afirmo ser uma secundária explicação

sobre o desenvolvimento da vida na Terra, determinado por Deus.

Insisto: foi Deus quem criou Darwin.

O fato é que ao meu redor existem alguns milagres e vivem aparecendo outros tantos todos os dias, dando-me a noção exata da compreensão de Deus.

É preciso que eu explique que não entendo Deus como um ancião barbudo, feito à imagem do homem, como dão a compreender certas publicações, inclusive religiosas.

Entendo Deus como um ímã, oculto no infinito, uma entidade de luzes e alicerces espalhados em torno dele.

Mas me confesso impotente para interpretar Deus na seguinte questão: se ele se intromete com seus desígnios, ainda depois que o homem nasce.

Essa é a maior encrenca que se passa no meu cérebro para explicar a minha inarredável fé em Deus.

Pela minha tese, Deus não tem de ser explicado, tem de ser sentido e acreditado.

E eu repito que tenho indícios veementes de que Deus existe.

Alguns evito agora de apresentá-los porque antes que o faça já existem argumentos engatilhados na ponta da língua dos não crentes para contestar-me, o que daria uma discussão que nem um milhão de colunas como esta esclareceria.

Mas, cá para nós, se Deus não existe, por que tantos vivem duvidando dele?

Eu só duvido do que existe. Não sou néscio para duvidar do que não existe.

PAULO FERRAREZE FILHO

Advogado. Mestre em Direito pela Unisinos.
Professor na Faculdade AVANTIS/SC e na FURB/SC.
Autor de A sogra como fonte do Direito.



OS 2 CENTÍMETROS NO LENÇOL

Quando ela chegou no meu apartamento com todas as malas que traziam todas as bugigangas dela, compreendi que o que tínhamos havia acabado. Mas como as percepções são sempre matéria a se confirmar com o passo das horas do futuro, ainda não tínhamos acabado DE VEZ. Viveríamos juntos: mesma cama todos os dias, mesmo banheiro pra escovar os dentes, espaços iguais e vontades diferentes, andróginos em busca da necessidade de não ser, sexo burocrático por amor, medo e tesão. Faríamos essas coisas de casal que mora junto sem ter filhos. O filme do que viria passou e entendi que antes de começar tudo já estava errado. Ela não devia morar no espaço que era meu porque era meu e não nosso. E como as coisas sempre chegam em momentos decisivos, tudo estava acabado.

Antes mesmo que ela fosse já sabíamos, por pressentimento, mas não queríamos admitir. Por isso criamos uns personagens que se amavam, enquanto nos escondíamos atrás desses fantoches de pano vivo. A gente se sentia mal porque no submundo das nossas almas habitava um monstro chamado fracasso. Todo projeto que dá errado desce rasgando a garganta e fica embolorado no estômago. Um fracasso que empunhava a bandeira: "você não é capaz de, sequer, planejar a própria vida seu animal estúpido". Além disso, tinha todo aquele amargo de saber, antecipadamente, que se viéssemos a viver juntos, permaneceríamos juntos por conta das contas.

Claro, as contas ficam mais curtas se são divididas em 2. 1 casa dividida por 2 é = à despesa de meia casa para

cada 1, enquanto 2 casas divididas por 2 é = à despesa de 1 casa para cada 1, logo, esse é um dos dois momentos em que o amor tem alguma precisão. O outro é quando amamos de verdade. A merda é que esses amores onde paira uma dúvida eterna são como os gatos traçoeiros que um dia, inesperadamente, lanham todo nosso rosto. Hoje em dia existem muitos companheiros de teto que já se amaram e continuam morando na mesma casa porque a grana é curta. Acho essa uma das grandes merdas de nosso tempo.

Eu tinha sido um apaixonado. Um apaixonado pelos castelos que havíamos construído quando os castelos ainda eram sonho. Eu gostava do jeito do nosso amor, e isso é e sempre será inexplicável. Cada amor tem seus jeitos, suas manhas, seus modos idiotas de falar e de fazer preliminares. Seus programas prediletos, suas melhores posições, seus melhores movimentos invisíveis. À parte isso - que é quase comum -, tínhamos o tempero da distância. Esse era O PONTO. Eu morava no sul, ela morava no norte. Havia um gozo antes de cada encontro. O "estar indo", essa grande e arrastada preliminar, realmente nos excitava. Cada vez era uma outra vez, que se desenhava sempre como um novo encontro escondido. Tomávamos uns *capuccinos* pela cidade, depois da expectativa do portão de desembarque. Novidades em cada papo e, às vezes, até um novo perfume no cangote, que quando se misturava com o antigo cheiro da pele fazia tudo ficar perfeito.

Nosso amor tinha uma teoria, uma autopesquisa, várias conclusões desconexas. E pensando, o que as pessoas amam são sempre os conceitos. A distância era o conceito nosso, nosso chantilly. Quando os sete mares para atravessar se transformassem em sete centímetros de lençol, tudo estaria acabado, afinal, só amávamos o conceito, materializado na distância entre nós. O único jeito de manter

vivo o amor que tínhamos era sentindo aquele pedaço de ausência que sempre nos atormenta, como disse a Camile Claudell num dvd bacana do Chico. Não tinha jeito. Não tinha jeito porque é só no presente que estão as respostas. Quando ela chegou no meu apartamento com todas as malas que traziam todas as bugigangas dela, compreendi que o que tínhamos havia acabado.



NEWTON FABRÍCIO

Juiz de Direito,
autor dos livros *Peleando contra o Poder*
e *Causos, fandangos e domas de potros* (a ser pu-
blicado). E do site www.peleando.net



UM CAUSO DE DON FLORÊNCIO

Princípio do Século XX.

Um homicídio ocorre na Barra do Quaraí.

O Delegado de Uruguaiana se toca pra lá.

Apeia do cavalo, na frente do Bar Centenário, e pergunta pro vivente que tá mais perto:

– Donde tá o morto?

O vadio que olhava pro Delegado, responde:

– Pôs tá estirado aí dentro, seu Delegado.

O Delegado entra no bar carregando uma Winchester na mão direita, e um 44 na cintura.

Para, olha pro morto, e depois pergunta pro dono do bar, que estava escorado atrás do balcão, espalitando os dentes:

– Tem alguém que entenda de Medicina aqui na Barra?

O dono do bar tirou o palito da boca e respondeu:

– Tem o Don Florêncio. Sabe tudo de Medicina.

O Delegado olhou pro vadio, que tudo acompanhava, lá da porta, e ordenou, com voz de mando e desmando:

– Me traz aqui o Florêncio.

Dez minutos depois, aparece o vadio e um homem grande, gordo e melenudo.

– Tu é o Florêncio? – pergunta o Delegado.

O gordo olhou o Delegado e respondeu:

– Aqui todo mundo me chama de Don Florêncio.

O Delegado não gostou. Era quase um desacato. Mas precisava do médico pro laudo de necrópsia. Sem o laudo, não tinha como fazer o inquérito. Resolveu dar o braço a torcer, mas aquele médico tava anotado na sua caderneta. Respondeu:

– Bueno, Don Florêncio, já que o senhor é médico, faça o laudo de necrópsia

Don Florêncio olhou pro Delegado, meio intrigado, e respondeu:

– Quem foi que disse que eu sou médico?

Mais uma, pensou o Delegado. Então, respondeu, ríspido:

– Aqui quem faz as perguntas sou eu. O senhor não é médico?

– Não – respondeu Don Florêncio.

– Mas o senhor não entende de Medicina?

– Entendo o suficiente.

– Mas o que o senhor faz na vida, afinal?

– Eu trabalho no matadouro.

– Mas o que isso tem a ver com Medicina?

– Pôs eu carneio boi, entences entendo de Medicina.

– Era só o que me faltava... - resmungou o Delegado.

Então, acrescentou:

– Que mais tu carneia?

Don Florêncio não gostou de ver que o Delegado começou a lhe chamar de “tu”, não de Don Florêncio.

– Carneio também ovelha e porco. Por isso todo mundo sabe que eu entendo de Medicina.

Tô bem arrumado, pensou o Delegado. Mas não tinha saída. Era o tal de Florêncio e pronto.

– Bueno. Tu tá nomeado perito. Sabe escrever?

– Sei.

– Então, examina o morto e faz o laudo, botando a causa mortis.

– Causa o quê?

– Escreve a causa da morte.

– É pra mim escrevê o que matou o morto?

– É. É isso mesmo – respondeu o Delegado, suspirando, impaciente.

Don Florêncio pediu pro dono do bar uma folha de papel almaço, tirou o lápis detrás da orelha, molhou na ponta da língua e tacou-lhe, aos garranchos:

– O tiro entrô a dois dedo da mamica e repontou no matambre...

A BAILARINA E O POETA APRENDIZ

Tu desfilavas pela vida,
como uma cintilante bailarina.

E a poesia fluía, branda,
em límpidos versos
de poeta aprendiz.

Estancou, porém, o passo
a bailarina.

O verso se fez triste.

Uma lágrima solitária escorre
no rosto de menina.

Mas o teu fulgor
ainda brilha
em duas pétalas azuis,
com reflexos de giz.

NELSON OSCAR DE SOUZA

Desembargador do TJ/RS aposentado e professor. Mestre em Direito do Estado. Autor de artigos publicados em revistas e da obra *Manual de Direito Constitucional* (3ª edição).
Ex-Corregedor-Geral de Justiça.



ALFA E ÔMEGA

Tu, que flutuas em nuvens, talvez possas sentir
A sutil inconsistência do meu ser.

(Serão minhas, acaso, estas palavras?)

Viandante de mil caminhos
Encontrei em ti, por fim,
A suma dos meus dias:

Consistentemente –
Do amor
E da vida...



Nei Pires Mitidiero

Juiz de Direito aposentado. Advogado e escritor.
Autor de Comentários ao Código de Trânsito Brasileiro – Direito e Trânsito e Direito Administrativo de Trânsito, e Crimes de Trânsito e Crimes de circulação Extratrânsito.



ESTÁBULOS

A família de Zipo adorava cavalos.

Ele crescera junto aos puros-sangues ingleses do criatório do pai, Remião, numa fazendola nas Águas Claras. Bem perto da fonte de água cristalina que emprestava o nome ao distrito viamonense.

Desde guri, Remião afeiçoara-se aos voluntariosos animais. E às carreiras. Onde tinha carreira, lá ele estava. No pradinho dos Moinhos de Vento, nas canchas retas.

O rapaz saíra ao pai. Só queria saber dos cavalos. Vivia entre eles e, até, morava com eles. Numa rústica casinha de madeira roliça de carvalho erguida entre os estábulos e que com estes se confundia.

Só que tinha uma coisa. Era avesso a amizades. Não ia à vila. Nem à igreja aos domingos. Sequer escolas frequentara. Era do temperamento dele, dizia o pai às pessoas mais chegadas. E, também, porque, ainda bem jovem fora vitimado por estranha doença nas montanhas da Arcádia, segundo os médicos, altamente contagiosa, acrescentava.

Em parte, isso aplacava a curiosidade do povo da vila. Afastava os bisbilhoteiros. Os próprios peões ficavam a precavida distância de Zipo. Tinham medo de contrair a doença estrangeira. E, desse modo, a melancolia que viam nos olhos escuros do rapaz.

Mas, nas rodas dos botecos e restaurantes do lugarejo ainda se cismava com a solidão e quietude do rapaz. Os moradores reperfuntavam-se. Será que havia outro mo-

tivo – e se havia, qual era esse motivo para esconder-se? Intrigavam-se. Verdade era que os rumores diminuía. Haviam ouvido alguns relatos dos empregados da fazenda, que, vendo-o através das janelas da casa, caminhando lá por dentro, ou parado à janela, nada nele notavam de diferente. E algumas histórias dos pescadores. Contavam tê-lo visto, em variadas madrugadas, galopando pelos corredores de areia do haras, e que, de longe, cavaleiro e cavalo se confundiam no escuro da noite.

Tinham-no visto, mesmo. E ele a eles. Era comum a passagem de pescadores pelas proximidades do haras, que se estendia à lagoa dos Patos. E Zipo se habituara a sair nas madrugadas. Varava as noites das Águas Claras. Galopava pelos corredores de areia e, não poucas vezes, vislumbrava os faróis dos veículos na estrada para a lagoa. Ou avistava os pescadores ribeirinhos, que passavam a pé pelos arredores da fazenda. Seus sentidos apurados pressentiam a presença de passantes, e isso o perturbava. Nessas ocasiões, disparava pelos corredores de areia afora.

O rapaz morava sozinho e em completo isolamento. Os peões e serviçais sabiam desse gosto dele e respeitavam-no. Além disso, havia o risco de contágio daquela estranha doença da infância. E, ainda, havia as ordens expressas do patrão para não ultrapassarem o cercado de tela da casinha de madeira escura. Perderiam os empregos.

Depois, os pais e os irmãos andavam sempre por perto, ciosos do recato e do bem-estar de Zipo. Esmeravam-se para que nada lhe faltasse. Remião, então, não passava manhã, ou tarde, sem que fosse estar com o filho mais novo. Preocupava-se. Sobretudo, queria deixá-lo viver a sua maneira, a salvo da bisbilhotice dos outros.

E Zipo caminhava, quase não parava, para lá e para cá no corredor da casa. Pelas janelas, via os cavalos pas-

tando, galopando pelos campos. Tinha vontade de estar com eles, de correr ao lado deles. Olhava-os fixamente lá do janelão, que deixava entrever seu tórax, seus braços, sua cabeça, seus olhos e cabelos negros.

Por alguns momentos recostava-se à parede. Via-se nas montanhas da Tessália e da Arcádia, terras dos antepassados distantes. O pai contava-lhe fantásticas histórias sobre esses guerreiros livres e destemidos; ele, então, se imaginava naqueles lugares, ao lado de Quíron e Nesso, os mais aguerridos.

Zipo estava lá, numa colina verdejante, quando a porta se abria.

Era Remião que chegava. Fora à cidade. O ano chegava ao fim, e não queria deixar contas para trás. Mas, sem demora voltara. Zipo sentia a sua falta e se inquietava com a sua ausência. Precisava dar-lhe de comer, de beber. Tinha de cuidar dele.

Penteara-lhe os cabelos pretos. Após haver-lhe dado uma ducha de água fria, alisara-lhe o pelo.

Agora examinava os seus cascos. Nunca os ferrara, não era preciso, ele só pisava na areia e na grama bem cuidada do haras.

Abraçava-se a ele, acariciava-o. Zipo era o seu filho preferido... metade homem... metade cavalo.



MARCIA KERN PAPALEO

Juíza de Direito.



ASDFG

150 toques por minuto. Estevão sempre foi bom datilógrafo. Mas agora a velha máquina manual jazia, limpa e bem cuidada, na mesinha própria cuja gaveta conservava sem uso um maço de papel-carbono.

OAB seis mil e poucos, de um tempo em que escrever muito e bonito tinha outro valor. A pesquisa o empolgava e as visitas à Biblioteca do Tribunal eram também a garantia de encontro com os mais distintos e elegantes colegas. Nessas ocasiões, assim como em dias de audiência, se esmerava na escolha do paletó, deixando o terno para o restante dos dias, inclusive domingos. Seu dedicado alfaiate ainda vive, velho, ranzinza e surdo, mas atento aos detalhes e minucioso na escolha dos bons cortes à disposição da clientela. Estevão raras vezes deixa de encontrar na cartela de tecidos algo que o agrade, mas quando isso acontece alegra-se em poder ainda contar com a distinta e perseverante *Tecidos DabDab*. E é assim que hoje se o vê empertigado, petição em punho, percorrendo os corredores do Foro Central. Lastima, porém, que já não revê os velhos escrivães, outrora bons amigos de prosas e casos. A entrada nas serventias era livre e não raro era com o juiz que compartilhava a pausa para o café. Agora, para entregar suas petições retira senha, orgulhoso de nunca ter usado o privilégio de ser *master*, adjetivo que lhe é, indiscutivelmente, mais simpático do que idoso.

Tempos atrás, comprou um computador, aceitando o conselho de um velho amigo. Penou até encontrar a dose certa da força que seus dedos deveriam exercer no

teclado. A hipótese alarmante de que determinadas teclas se tocadas poderiam excluir trechos inteiros do texto que estava escrevendo, por momentos o deixava paralisado. Aos poucos adaptou-se, mas o fichário de jurisprudência ainda repousava a sua frente, na velha escrivaninha de trabalho. Jamais cogitou transpor uma citação jurisprudencial de uma peça, já digitada, para outra. Dizia transpor. Colar nunca, eis que para isso é necessário cola ou goma arábica, material absolutamente incompatível com a informática.

Estevão regozijava-se garimpando palavras adequadas a cada situação. Uma boa petição, além de conteúdo vasto, não poderia prescindir da boa linguagem jurídica, com a completa eliminação de palavras de uso corrente. Assim, a "mera intenção da humilde viúva de se ver reconhecida esposa do amante e então receber o auxílio previdenciário", nas mãos de Estevão, se transformava na "súplica da postulante para fins previdenciários junto à Autarquia Anciliar, diante do inexorável fato de ter vivido *more uxório* com o *de cujus*".

Questão de honra para nosso causídico era a detida releitura da peça produzida, eliminando qualquer hipótese de repetição de palavras, manobra capaz de confirmar a categoria do advogado firmatário perante o Alvazir de Piso ou o Colendo Colegiado. Uma vez que a expressão petição inicial fosse mencionada no texto, para as próximas referências necessárias à peça Estevão recorria ao rosário que, em ordem alfabética, decorara ao longo dos anos: peça atrial, peça de arranque, peça de ingresso, peça dilucular, peça gênese, peça ovo, peça primeva, peça proemial, peça umbilical e peça vestibular, essa última sua preferida.

Pois não fazem muitos dias que nosso personagem, após zeloso trabalho, prazo correndo, contestação na mão, rumou ao Fórum na ilusão de ao menos falar com o escrivão.

- Escrivão não há, informou o estagiário.

- O juiz, talvez? – perguntou acabrunhado. – O assessor, o secretário ?

- Impossível, amanhã talvez, nesse mesmo horário.

No átrio encontrou o velho colega Luís Alves a quem relatou sua desventura.

- Estevão, caro amigo, o meu filho, rapaz estudioso e conhecedor de toda essa modernidade, é quem me salva nestes tempos em que tudo muda todo dia. E segundo ele me conta, te afianço que só piora.

- Mais ainda?

- Diz ele que cedo tudo se virtualiza, e a petição que sai do escritório vai pelo nosso computador direto para o do Juiz.

- Que a imprime depois?

- Imprime nada. Tudo fica no computador .

- E a assinatura?

- Digital, já não a viste? Anda por ai.

- Nem quero. Nesse dia, quando nem processo que se pegue com as mãos, nem juiz de carne e osso puder encontrar, então é hora de parar.

Estevão não imagina, caro leitor, e talvez neste instante o saiba, que não fosse ele e tantos outros a ele iguais, triste seria e nada haveria disso tudo sobre o que agora se contar.

PERJURO

Do Falso

Soa o buço

Borbulhas brotam

Sobre a boca

Trêmula.

Olhar que

Nada fixa

Pisca-pisca

Asas ligeiras

Querendo voar.

MAFALDA DOS SANTOS

Poeta, economiária e professora.

Autora de quatro livros.

Em 2008 e 2010, foi premiada no Concurso de Literatura da Caixa Econômica Federal, no gênero poesia.



FORMALISMOS

Poeta, exigem de ti
Que cantes apenas alegrias
– Euforias –
Festas, promessas
Que ninguém pensa em cumprir...
Querem que silencies as tristezas
Solidões, desamores
A morte do bem-te-vi...
Mas se fazes estes favores
Embalando, tão somente, os sonhos
Onde caberá tua verdade
Onde colocarás os desamores
E o teu abrir portas?
Pra onde irá teu compromisso
Com a realidade?
Será que ninguém mais se importa?
O sonho ainda não acabou?
Ou a realidade
– Em cada um de nós –
Já está morta?



LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL

Professor, romancista, ensaísta, cronista, Doutor em Letras, Secretário de Estado da Cultura do RS.
Assina coluna quinzenal no jornal Zero Hora.



A LISTA

Horário de almoço, férias, conversas amenas. Colegas de trabalho e eu começamos a fazer uma lista de coisas que vimos surgir no decorrer de nossas vidas. Muitas dessas “coisas”, diga-se, já existiam no Exterior havia décadas. Umias vieram e desapareceram. Outras ficaram. Eis a famosa lista, naturalmente incompleta:

Computador pessoal, televisão, TV a cores, TV com monitor de plasma, TV a cabo, rádio de pilha, videocassete, fita cassete, palmtop, laptop, rádio FM, CD, DVD, gravador de áudio, transistor, fone de ouvido, fogão a gás, ar-condicionado, aspirador de pó, telão, forno de microondas, geladeira elétrica, chuveiro elétrico, máquina de costura elétrica, faca elétrica, portão elétrico, batedeira elétrica, vidro elétrico, secretária eletrônica, porteiro eletrônico, fax, ventilador de teto, microchip, câmeras de vigilância, móveis de plástico, móveis de fórmica, telentrega, comida chinesa, fastfood, sushi, sashimi, pizzaria, cachaçaria, vidro antirreflexo, moldura de metal, celular, caixa eletrônico, controle remoto, máquina fotográfica digital, mimeógrafo, long-play, disco de vinil, disco de 45 rpm, cinemascope, direção hidráulica, injeção eletrônica, airbag, filmadora de vídeo, sabão em pó, fralda descartável, lenço descartável, garrafa descartável, pano de prato descartável, aparelho de barba descartável, luva descartável, amaciante de roupa, saco para lixo, detergente líquido, comida a quilo, guardanapo de papel, pirex, tefal, comida congelada, café colonial, leite em caixa, refrigerante em lata, doce de leite em lata, jardineira em lata, atum em lata, aspargo em lata, macarrão em copo, requeijão em copo, peito de peru em fatias,

bauru, café a vácuo, xis com ovo, xis sem ovo, colesterol, produtos light-diet, alimentos transgênicos, batata frita em saco, iogurte em pote, modess, o.b., desodorante, xampu, condicionador de cabelo, lentes de contato, tergal, não-tecido, moleton, velcro, poliéster, jeans, minissaia, biquíni, monoquíni, lençol com elástico, lençol de malha, travesseiro de espuma, colchão de água, academia de ginástica, personal trainer, inseticida spray, laquê spray, odorizador spray, chantilly spray, mala com rodinha, motoboy, silicone, cartão de crédito, grama artificial, pílula anticoncepcional, banco 24 horas, talão de cheques, DNA, satélites artificiais, viagem à Lua, antecipação do sexo do bebê, transplante de órgãos, sandálias havaianas, implante dentário, ecografia, tomografia, cintilografia, acrílico, bronzeado artificial, fio dental (em ambos os sentidos), ecoturismo, motel, vida alternativa, supermercado, sofá-cama, caneta esferográfica, caneta roller, videoconferência.

“Quantas coisas...”, refletiu uma colega.

Sim, muitas, pensei. Como podíamos viver, por exemplo, sem faca elétrica? E sem grama artificial? E sem batata frita em saco? Ainda bem que essas coisas agora existem, tornando-nos pessoas mais felizes, generosas e mais solidárias. Ainda bem.

LUIZ ANTÔNIO CORTE REAL

Magistrado aposentado,
ex-professor da Faculdade de Direito da PUC-RS.
Aluno especial na pós-graduação
em Filosofia da PUC-RS.



VIDA E MORTE

A morte é um desastre

A vida não é também?

A morte é um descarte

A vida é um porém

A morte é sepultura

A vida um murmurar

A morte é ruptura

A vida um desvairar

A morte é sofrimento

A vida um provocar

A morte é nó sangrento

A vida a desafiar.



JUREMIR MACHADO DA SILVA

Escritor, tradutor, ensaísta, jornalista e professor universitário. Doutor em sociologia pela Sorbonne. Assina coluna diária no Correio do Povo e apresenta o programa Esfera Pública, na Rádio Guaíba. Obras mais recentes: *História regional da infâmia* (L&PM, 2010), *Vozes da Legalidade* (Sulina, 2011).



MEUS PASSEIOS

Todo homem tem direito a momentos de pieguice, de breguice e de nostalgia. Isso deveria estar escrito na Constituição. Direito a usar colete uma vez por ano, a ouvir música sertaneja e a visitar os lugares sagrados da sua infância ou juventude com o coração apertado. Um sujeito como eu tem direito de tirar as sonatas de Beethoven para ouvir José Mendes ou Belchior. Tem dias em que acordo com uma vontade incontrolável de refazer meus primeiros passos em Porto Alegre. Já me peguei indo a Navegantes só para caminhar pela rua Frederico Mentz, onde morei numa pensão, com meu primo Eleú, um primo dele e mais cinco caras, quando desembarquei por aqui, em 2 de janeiro de 1980, com uma ideia fixa: ser escritor e jornalista. Nesses 30 anos, tenho mantido meu projeto.

Por falta de tempo, ainda não realizei um velho sonho: pegar o ônibus linha 13 e ir ao Sarandi visitar o Antoninho, a Zenaide, o Adão e quem ainda estiver por lá daqueles meus primeiros meses em Porto Alegre. Saí praticamente de Palomas para cá. Quando precisei aprender a passar roupas, pedi emprestado à Zenaide uma "plancha". Ela arregalou os olhos. Eu queria um ferro de passar. Nos meus tempos de Sarandi, eu era mais duro do que "pensamento" de preso. Mesmo assim, tenho lembranças muito boas daqueles tempos. Eu tinha 18 anos. Acreditava em tudo. Ouvia-se "Geni", do Chico Buarque, o tempo todo no rádio. Minha memória musical, claro, comprime o tempo. Já me vem a voz de Caetano com seu "Menino do Rio" e uma canção curiosa, com um tal de Tavito, "muito prazer, eu vou falar

ao seu ouvido coisas que vão fazer você tremer dentro do vestido...". Era o meu grande desejo. Fazer minhas colegas de faculdade tremerem dentro do vestido.

Uma delas também morava no Sarandi. Mas era a grande paixão do David Coimbra. Eu respeitava essa paixão platônica. Nunca me apaixonei pelos seus olhos verdes. Ela preferia, de qualquer maneira, uns caras mais modernos. Depois, fomos morar no Jardim Ipiranga, perto do Banco de Olhos. Eu me lembro de ter lido centenas de livros de história esperando a volta de uma namorada que não me queria mais. Recordo-me também, durante a Copa do Mundo de 1982, de ter dividido um ovo, com ajuda de uma régua, com meu primo Heron, que infelizmente já se foi. Nessa época, reli "O Vermelho e o Negro", de Stendhal, e me convenci de que eu era uma reencarnação de Julian Sorel. Aquilo me deu uma força extraordinária para prosseguir.

Tinha uma praça numa quebrada. Passei ali muitas tardes de verão deitado embaixo das árvores devorando tudo o que achava sobre a história do Brasil no século XX. Por que conto tudo isso para vocês? Por que me parece agora que toda aquela dureza era maravilhosa? Por que eu me sentia tão feliz? Eu chegava a sentir saudades do que ainda não tinha vivido. Repetia para mim mesmo um verso de Pablo Neruda: "Por que me há de vir todo este amor de um golpe/quando me sinto triste e te sinto distante?".

JOSÉ NEDEL

Bacharel em Letras Clássicas, Filosofia e Direito.

Mestre e Doutor em Filosofia.

Magistrado aposentado e Professor.

Autor de *A curvatura da razão*, poemas, 2009.

Obra mais recente: *A vez do verso*, sonetos, 2011.



DÍZIMO

Não passei pela vida como um rei,
Porém muito de graça foi me dado.
Só o “dízimo do dízimo” paguei,
Quando inteiro dos outros foi cobrado.

Atento à assimetria, constatei:
Não mais que do destino foi legado,
Pois assim é que está traçada a lei:
Um é mais alto, e outro, acachapado.

Não sou – já fui talvez – um bom levita,
Mas como tal a vida me tratou,
Sem que toda a justiça isso reflita.

Isto a *Díke* afetada me anunciou:
Buscará correção, mesmo infinita,
Do dízimo a menor que me cobrou.

-
- A palavra grega *díke* tem vários significados, como direito, justiça, decisão judicial, pena. Na mitologia, *Díke* é a Deusa da Justiça.
 - “Os levitas trariam o dízimo do dízimo à casa de nosso Deus” (Neemias, profeta).



JOSÉ CARLOS TEIXEIRA GIORGIS

Desembargador aposentado.
Coordenador do Memorial do Judiciário.



NOITE DE BAILE

Era sexta-feira, a semana fora cansativa, a clientela aumentando, depois de cinco anos atendendo a pobreza nos bairros, clínica geral; as barrigas inchadas; a salinha fétida; a revoltante humildade das cabeças baixas, doutor, tem cura? Agora possuía o carro, consultório no centro, atendente apetitosa que servia para marcar consultas e desafogar instintos, era sexta-feira.

Corpo lavado e boa fragrância; roupa grossa, a gravata italiana; lá me vou atrás de um baile; abro a garagem, engreno a primeira, a suavidade da máquina acalma fibra e músculos, nem parece o velho fusca: “pais de família tremei – nada como ler os clássicos –”; os edifícios iluminados margeiam a corrida frenética, me atiram para a zona sul, tem festa no Country, lá sempre dei sorte, sou recebido com tapinhas, operei umas e outras, também no profissional.

Embora inverno e um calor vagabundeasse nas veias, quando reduzi a velocidade e já na praça, notei a mulher elegante que caminhava, o que assombrou pela hora; mas assim mesmo contornei o quarteirão e me aproximei devagar, admirado da beleza sóbria, até reconhecê-la, pois era a moça que muito me intrigara na festa de passagem de ano, linda, disputada, inacessível.

Escutei as horas no relógio da matriz, os veículos corriam na faixa, e afastando qualquer possibilidade de um insucesso, estacionei o carro e avancei até ela, que atravessava para a calçada do colégio.

– Senhora – disse com respeito – senhora, por favor.

Caía uma vaga bruma, um pouco fria, o brilho das luzes da praça era difuso e fantástico, a mulher olhou e me achei no meio de um sonho irreal e imaginário, mas estacou e sorriu. O diálogo foi breve, também ia ao baile, não sabia se a amiga vinha mais, logo aceitou o convite.

Despiu o casaco de lã, entrou no carro, e seguimos pela estrada rumo à sede social, suave música de violinos nos alto-falantes, a conversa agradável, apontou a casa ao passar, uma simpática moradia de tijolos vermelhos, fora noiva, agora livre, tinha cultura, seus gestos eram comedidos, gentis, o semblante alvo, grego.

Foi um dos bailes mais felizes da vida, quando dançava os rostos me seguiam com inveja, o corpo macio como pluma, meus lábios roçavam a face tépida, fugia aos arroubos, embora atenta nos passos, as pernas juntas: sublime.

Quando a aurora acenava, pediu para levá-la, “– mas como, queria passar o resto da noite contigo”, teimei obstinado, fica para outra vez, quem sabe, a bebida tinha nos deixado lânguidos, uma doce ebbriez. Como não queria decepcioná-la e por estratégia acabei assentindo, os sinais pressagiavam outros instantes, talvez definitivos, o dote, a família tradicional, muitas quadras de campo.

No retorno, concedeu beijos amedrontados e fugidios para a paixão que me abrasava. Pediu para descer antes da praça, e depois correu, sumindo na madrugada. Minhas mãos ficaram com o perfume de cipreste e cardo, voltei inebriado.

Cada manhã almejava revê-la, não esquecia a brancura de seu delicado colo, a pele destacada pelo colar de broche vermelho. No fim da tarde guiava aos limites da casa, os postigos respeitosos, todavia imóveis e sérios, vaguei pela faculdade que frequentava, viagens sem êxito por corredores e rampas.

Já agastado, num dia de chuva, abandonei o consultório e fui bater em sua porta.

Atendeu-me uma velha ama, que se benzeu quando pedi para chamá-la, correu para dentro, veio um cidadão solene, que me ouviu com atenção e surpresa.

Nada me disse, apenas pediu que aguardasse, ia pegar a capa, no carro ordenou que seguisse pela praça até os muros brancos que se viam depois dela.

Andamos por sebes e estátuas de mármore, quando parou no meio de um jardim de lírios e apontou a fotografia que ornava recente lousa.

Em cima dela, o casaco de lã.



HUMBERTHO HARTMANN PHILIPPSEN

Advogado, formado pela Faculdade de Direito de Santa Maria (FADISMA), em 2008.



SE ENCONTRARES O POTE DE AÇÚCAR CHEIO, COMEMORA

À Nascente do Lago, com carinho

Tempestuosa maratona de chuvas imiscui-se no cotidiano de Samuel há uma semana. A par do atípico acerto dos meteorologistas, as tarefas do lar atingiram estado crítico. Prostrada por sinusite e recomendação médica, a *tata* Méri desfalcaria a rotina por duas semanas. A catarse provocada pela notícia abalou toda a pasta ministerial da família. Visível, pois, a destemperança do setor financeiro ao de infraestrutura, seguindo-se o das cordiais saudações e da gentileza.

Pares de meias trocados; molho salgado em excesso; desencontros de horários; refrigerante de laranja em lugar do gasosão de guaraná; recados esquecidos; camisas sem o vinco demarcado; móveis fora do lugar; enfim, oscilações antes despercebidas conduziram os familiares a arquivar o senso de humor e de solidariedade na gavetinha do esquecimento. Samuel sentiu-se impelido a agir. O pontapé inicial aconteceu quando ouviu a avó contar que, em certa noite de apagão, escovou os dentes com creme de barbear. O fim da picada! Carecia-se de uma solução urgente.

Após almoço dominical em família, Samuel encaminhou-se à prateleira das louças. Mais uma vez a xícara seria vítima de malicioso café. Àquela altura, bebida três-em-um: digestiva, acalentadora e estimulante. Predicados merecedores de aplausos, se amalgamados ao açúcar. Que,

mesmo não acrescido à bebida, faz diferença. Não necessariamente por questão de paladar – antes de psiquê. A decisão de não tomar algo adocicado, ainda que sem riscos à saúde, denota estado de espírito de acelerada inquietude, quando não de melancolia.

Ciente de que, no pouco tempo faltante, tomaria café amargo durante a conclusão e revisão de sua coluna de jornal, Samuel nem hesitou em deixar desacompanhados os dois volumes do granulado solúvel esbaldados na alva porcelana. Tão logo ouviu o assovio do bule, despejou o conteúdo na xícara, checkou o maço de cigarros e subiu ao quarto. Como prêmio de consolação, levou consigo o restinho do chocolate meio amargo que há uma semana, na geladeira, esperava pelo fim.

Consolação porque Méri, e isso intrigava Samuel, levava embora a habilidade de preparar sobremesas. Sorte de todos que a chuva se encarregaria de perdoá-los pelo desaparecimento de tortas mineiras, cassatas, doces de abóbora com creme de leite, pudim, salada de frutas com iogurte natural e pitadas de canela. “Por que não perseguir tão agradável sensação?” Em frente ao computador, essa foi a indagação de Samuel à página branca do Word.

No doce, haveria algum mistério capaz de liberar hormônios da felicidade, da disposição. Nesse rumo Samuel deslanchou em parágrafos ininterruptos por quase duas horas. Período capaz de eclodir, na mente, desejos gastronômicos de grávida. Babava por uma torta de bolachas, sabendo que a receita mantinha-se a sete chaves com a vovó, aquela do sorriso barbeado. Precisaria ser o melhor neto por considerável período, bajular, colocar-se à disposição por 25 horas diárias.

Texto salvo, bitucas na lixeira e faxinados mesa e notebook, era hora de descer para calibrar a cafeína. A cada degrau até a cozinha, aumentava o remorso por não

encontrar a frase para epigrafar o seu texto. “Quantas gotas, quanta água, tanto céu, e não consigo adocicar o meu título!”. Estancou no mezanino. Dali conseguia avistar a noite ronronando as nuvens, e as fortes rajadas de vento. Notívagos devaneios, pensou, haverão de clarear as ideias. Por isso, e pela certeza da reclusão invernal, também decidiu abrir um Malbec e degustar castanhas, amêndoas, damascos e amendoins.

Um pouco mais tranquilo, com as tarefas encaminhadas, optou pelo capuccino. Aguardou o leite atingir a temperatura adequada para não queimar o café e o céu da boca, misturou achocolatado em pó e se mandou em busca do pote de açúcar. Afasta coisa dali, arreda daqui, abre picada no armário da cozinha, até chegar ao relicário. Para sua decepção, o recipiente, vazio, continha formigas declaradamente obesas. Os círculos e saltos dos insetos, percebeu, eram causados por puro frenesi de abstinência.

Lavou o pote com um resto de água quente e preencheu-o com o pó branco. Retornou ao quarto impelido por fome, apetite de escrita e um pacote de dúvidas. Ligou o computador, serviu-se do vinho e abocanhoun uns petiscos. A marcha das gotas, intermitentes, agudas e em alerta, pediam urgência. Cobrou-se: 99% não é trabalho pronto! Soou o início do Windows e em seguida os escritos se espraíram no monitor.

Calorias consumidas, alhos já bugalhos e o relógio, pouco convidativo. Com as vidraças embaçadas pelo vapor da respiração – tamanho o frio ao relento – e a superveniência do cansaço, Samuel ouviu (não sabe como) o colchão chamá-lo para a boa noite de sono. Dois copos d’água depois, o ronco assomava sinfônico.

Pela manhã, suplicou à avó a sobremesa. E seguiu no pedido em outras refeições. Todos, ao fim, aderiram à campanha do “Doce Consciente” propagada por Samuel,

que preferiu dar tonalidade médica ao seu propósito, quando, em verdade, assumia viés freudiano. A mãe na compra dos ingredientes, o pai no preparo, a vovó na fiscalização da produção. Samuel, muito engajado, o provador oficial e incentivador moral.

A família voltou a se unir, harmoniosa e cordial. Méri retornou – e com ela a certeza de que o pote de açúcar continuará cheio. O MOOC-Ministério das Opções Obscurementemente Claras, chefiado por Samuel, ajustou com a *tata* o pacto, sigiloso e irrevogável, de valer de geração em geração. E a cada recarga, obrigaram-se os dois, há de ser ornamentado o recipiente com uma epígrafe.

Fruto do acordo, a primeira delas: “Se encontrares o pote de açúcar cheio, comemora: alguém está querendo compartilhar alegrias e construir felicidades.”

GLADIS DE FÁTIMA FERRAREZE

Juíza de Direito no RS.



A MÁGICA DO FILME

Liguei a televisão, despretensiosamente, no domingo de manhã. Apenas para acompanhar o café com alguma imagem. Coisas de hábito. Normalmente é o jornal. Liguei diretamente nos canais de filmes. Também é um hábito. Vejo qualquer filme, não importa em que momento tenha começado. Uma espécie de quebra-cabeça de filmes, que vou montando aos poucos.

Passava a Loja mágica de brinquedos. O filme conta a história de Magorium, que tem 243 anos e é dono da loja de brinquedos mais fantástica do mundo. Tudo lá é mágico e tem vida. A única condição que se pede aos frequentadores é simples: acreditar para ver.

De repente, estava eu grudada no sofá, assistindo aviões de papel voando, bichos de pelúcia falando, esqueletos de dinossauros andando, mas principalmente, descobrindo um mundo de lições a cada frase de Magorium, o personagem de Dustin Hoffman

Foram duas grandes lições: de vida e de morte. No filme, a lição sobre a morte vem primeiro. Magorium avisa a Nathalie Portman, a Molly, que ele está partindo. Diante da perplexidade e dificuldade dela em aceitar o fato, ele passa a desfiar argumentos, procurando convencê-la de que sua "partida" deveria ser vista como algo natural.

Um dos argumentos usados é a forma como Shakespeare descreveu a morte do Rei Lear, na peça de mesmo nome. Diz Magorium que Shakespeare, brilhantemente, escreveu: " Ele morreu". Não houve metáforas, explicações

ou arroubos literários, mas um simples ele morreu. E ele, como viveu todos os seus cinco atos, gostaria de terminar com um simples e modesto “ele morreu”, porque o que importa é a vida que tivemos.

Diante da incredulidade de Molly, ele acrescenta que a vida é um acontecimento e que precisamos estar à altura dele, mostrando o filme, logo depois, uma cena eloquente, para ilustrar a mensagem: os dois personagens aparecem em uma loja de relógios e colocam todos para soar na mesma hora, faltando apenas 37 segundos. Diante da algazarra dos relógios pendurados nas paredes, Magorium diz que 37 segundos bem usados são toda uma vida.

Bem, Magorium parte e deixa uma Molly inconsolada, o “cubo congreve” como presente e a loja, como herança. O cubo de madeira teria a capacidade de fazer milagres, mas para ela, teimosamente, continua sendo apenas um cubo de madeira. A loja, emudecida e apagada, é posta à venda porque Molly não consegue superar a perda do amigo.

O tal cubo mostra a razão de sua existência quando Molly volta a acreditar na magia e encantamento da loja, e ele passa a saltitar, voar e dançar sozinho, dando novamente cor e alegria ao lugar. Moral da história, ou do cubo, é que é preciso acreditar para ver.

A respeito da morte, idealizada que está no filme, impossível esperar que nós, pobres mortais, a encaremos tão tranquilamente, ao menos sem um longo aprendizado, com ensinamentos de Buda, Jesus Cristo, Hare Krishna ou outros seres superiores, ou quem sabe, todos juntos.

Agora, quanto à vida, não é possível passar ao largo da mensagem do filme. Numa supérflua avaliação corre-se o risco de concluir que a mensagem é piegas. Afinal, quem já não ouviu dizer que a vida é feita de momentos, que felicidade não existe, que é o presente que conta, etc, etc.

Pois é, mas é tudo verdade. E essa mesma verdade, que nós costumamos maquiar com incertezas, complicações e traumas, é mostrada através da magia de um cubo de madeira que voa, e que parece estar dizendo a cada um para criar o seu próprio enredo. E, pensando bem, nem precisa ser longa metragem, um curta, com boa produção, já é suficiente.

Ah, cubo de madeira não voa? Tem certeza? Já experimentou acreditar?

FELICIDADE

Desejar felicidade é muito fácil, mas não basta.

Ela não brota, não nasce, ainda que regada com muito querer.

O difícil é conquistá-la.

Então, vou desejar que a desejes, acima de qualquer outro desejo.

E que saibas reconhecê-la.

Descobrir-lhe as feições.

Posto que misteriosa.

Desejo que te permitas retirar o olhar do horizonte – sonhador, intangível.

Para pousar sobre o presente.

O único tempo que temos.

Mas, ainda assim, é insuficiente.

Por isso, desejo-te imersão na alma.

Uma pitada de intrepidez.

E um pouco de egoísmo necessário.

Não te desejo aprisioná-la, mas gozá-la.

Usufruir seus instantes.

Entre amores, sabores, suores.

Desejaria que fosse eterna, mas impossível, porque fugidia.

Então, que ambos vivam em constante re-encontro.

Pela vida afora.

Para que possas (me) contar e cantar de tua felicidade.

GENACÉIA DA SILVA ALBERTON

Desembargadora na 5ª Câmara Criminal
e Doutora em Direito.

FOLHA DE OUTONO

É mais um final de semana. A mesa do gabinete está limpa de processos, tudo silenciosamente organizado, em prontidão. Porém, esse não será um final de semana semelhante aos outros: compromisso em comunidade, almoço em família, brincadeira com neto. Há algo especial a festejar, um aniversário.

Se quando criança o aniversário era tão esperado por causa dos presentes, do vestido novo, dos docinhos, dos amiguinhos, todos em volta da mesa cantando o Feliz Aniversário, essa seria a vez de celebrar a vida de alguém que, como folha de outono, está silenciosamente prestes a cair ao sabor da brisa do tempo.

Mesmo assim, um entusiasmo paira no ar. Pacotes, embrulhos, doces, salgados, preparativos, afinal... é um aniversário.

Chega o sábado esperado. O salão de prédio quase sempre silencioso ganha vida. A ornamentação é discreta, mas alegre. As toalhas em florais azuis dão um toque de celebração. As mesas arrumadas, música em tom baixo, mas fazendo sentir que o momento é diferenciado,

As pessoas chegam, conversam entre si. Um pequeno de olhos azuis, como de um anjo sapeca, se aproxima, corre esbaforido, perguntando pela "bisa" enquanto um outro está mais preocupado com a capa de seu Super-Homem que parece não querer voar.

Lentas senhoras se aproximam. Com um sorriso um pouco perdido, elas querem compartilhar daquele momento

diferente na vida de um lugar costumeiramente tão branco. Alegam-se naquele espaço aconchegante, cerrando fileiras ao lado dos salgados de forno e dos docinhos com pouco açúcar.

Mas falta a convidada de honra. Na sua cadeira de rodas lá vem a senhora da festa. Sua cor e postura não deixam negar que ali existiu ou existe uma guerreira, decidida. Não caminha, não consegue se expressar com vigor, mas seu olhar atento e direto dá sinal que percebe o que se passa. É seu aniversário e estamos ali para festejar. Ela não se submete ao afago piedoso, mas sorri quando percebe que todos cantam "Cidade Maravilhosa" em lugar do tradicional "Parabéns". Afinal, aquela é a "sua" música, a música de sua infância, aquela que ela não esqueceu nem mesmo na distância de sua doença.

Uma cadeira cai, docinhos se esparramam ao chão. O menino de olhos azuis finalmente encontra a "bisa". Olha sem saber o que dizer. Afaga a mão daquela velha senhora, com o cuidado de quem acaricia a folha de outono que levemente presa ao galho faz parte do cenário da vida. Ela se deixa tocar, cerra os olhos e sorri...

GABRIELA EWALD RICHINITTI

17 anos, estudante de Direito,
uma das selecionadas da 20ª edição do Concurso
Poemas no Ônibus e Trem da Prefeitura Municipal
de Porto Alegre



SOBRE A IMPORTÂNCIA

Não importa o som, a imagem, o perfeito
Não importam os abusivos rios de desgosto
Nem sempre importa o que se faz, o que foi feito
Prescindível é a textura, o cheiro, o gosto.
Irrelevante essa vida meio lírica, meio desbotada
Esse indecifrável medo do indecifrável, da morte
Não importa quase nada
Só importa que importe.

E, às vezes, é uma flor, um momento,
 [uma visão de esquelha
Cabe no sorriso da menina dos dentes amarelos
Reflete-se na genialidade arquetetônica da abelha
Faz-se dos versos mais brandos, singelos.
Do charuto fumado no nascimento do filho
Da primeira boneca, de espiga de milho

Do humor fatal das desgraças
Daquele princípio antigo, mofado, perdido
Que, na compreensão da hora, dá-se graças
Por já não traduzir mais sentido.



FERNANDO ALBERTO CORRÊA HENNING

Juiz de Direito no RS.



CALVÁRIO

Não espero ressurreição.
Só queria poder expirar.
Queria morrer, ir, passar;
Dar cabo dessa solidão.

Pai, se queres me abandonar,
Este teu filho quer derelição.
Pai, se hesitas em completar
Minha sangrenta purificação,
Este teu filho vai te ajudar:
Não aceitará o teu perdão.

Não desejo nem espero milagre,
Apenas o cumprimento do rito
Peço esponja com vinagre
A cessação desse arfar aflito.
Demando pernas quebradas,
As últimas orações sussurradas
E a doce morte depois do grito.



FABRÍCIO CARPINEJAR

Poeta, cronista, jornalista e professor, autor de dezessete livros, oito de poesia. Sua coletânea *Canalha!* (Bertrand Brasil) venceu o Prêmio Jabuti em 2009, um dos mais importantes do país, na categoria Contos e Crônicas. Obra mais recente: *Borracheiro, Crônicas*, 2011.



OS AMIGOS INVISÍVEIS

Os amigos não precisam estar ao lado para justificar a lealdade. Mandar relatórios do que estão fazendo para mostrar preocupação.

Os amigos são para toda a vida, ainda que não estejam conosco a vida inteira.

Temos o costume de confundir amizade com onipresença e exigimos que as pessoas estejam sempre por perto, de plantão. Amizade não é dependência, submissão. Não se têm amigos para concordar na íntegra, mas para revisar os rascunhos e duvidar da letra. É independência, é respeito, é pedir uma opinião que não seja igual, uma experiência diferente.

Se o amigo desaparece por semanas, imediatamente se conclui que ele ficou chateado por alguma coisa. Diante de ausências mais longas e severas, cobramos telefonemas e visitas. E já se está falando mal dele por falta de notícias. Logo dele que nunca fez nada de errado!

O que é mais importante: a proximidade física ou afetiva? A proximidade física nem sempre é afetiva. Amigo pode ser um álibi ou cúmplice ou um bajulador ou um oportunista, ambicionando interesses que não o da simples troca e convívio.

Amigo mesmo demora a ser descoberto. É a permanência de seus conselhos e apoio que dirão de sua perenidade.

Amigo mesmo modifica a nossa história, chega a nos combater pela verdade e discernimento, supera condicionamentos e conluios. São capazes de brigar com a gente pelo nosso bem-estar.

Assim como há os amigos imaginários da infância, há os amigos invisíveis na maturidade. Aqueles que não estão perto podem estar dentro. Tenho amigos que nunca mais vi, que nunca mais recebi novidades e os valorizo com o frescor de um encontro recente. Não vou mentir a eles “vamos nos ligar?” num esbarrão de rua. Muito menos dar desculpas esfarrapadas ao distanciamento.

Eles me ajudaram e não necessitam atualizar o cadastro para que sejam lembrados. Ou passar em casa todo o final de semana e me convidar para ser padrinho de casamento, dos filhos, dos netos, dos bisnetos. Caso encontrá-los, haverá a empatia da primeira vez, a empatia da última vez, a empatia incessante de identificação.

Amigos me salvaram da fossa, amigos me salvaram das drogas, amigos me salvaram da inveja, amigos me salvaram da precipitação, amigos me salvaram das brigas, amigos me salvaram de mim.

Os amigos são próprios de fases: da rua, do Ensino Fundamental, do Ensino Médio, da faculdade, do futebol, da poesia, do emprego, da dança, dos cursos de inglês, da capoeira, da academia. Significativos em cada etapa de formação. Não estão em nossa frente diariamente, mas estão em nossa personalidade, determinando, de modo imperceptível, as nossas atitudes.

Quantas juras foram feitas em bares a amigos, bêbados e trôpegos?

Amigo é o que fica depois da ressaca. É glicose no sangue. A serenidade.

Elder Boschi da Cruz

Procurador do Estado, ex-Procurador do
Município de Porto Alegre e do INSS,
integrante do Conselho Superior da PGE-RS.

Obra publicada: *Disfarces*, Poesia,
WS Editor, 2009.



CONSOLO

Ainda morro,
Eu, tu, ele, nós
Com a morte, pelo menos
Não estarei a sós

Não quero morrer
De morte violenta
Uma curva na estrada
Uma bala perdida

Talvez um ataque cardíaco
Seja morte merecida
Mas a escolha
Com certeza
Não nos é oferecida

Se da morte
Pouco sabemos
Muito menos
Sabemos da vida

DURVAL DA FONSECA FRAGA

Juiz de Direito em Santa Catarina.
Autor de artigos publicados na revista da AJURIS e
coautor de *ICMS dos municípios*.



A BELEZA E O AMOR

Do ocaso a tênue luz
pela janela se via
no contorno das montanhas
o astro rei se despedia
e um rubro escuro no céu
cobria a noite em seu véu

Já como espumas de prata
saltavam ansiosas estrelas
e no oriente a borboleta
da lua em ciúme em vê-las
apaixonada em suspiros
começava um dos seus giros

No ambiente do quarto
o perfume recendia
que na penumbra exalava
do banho recém tomado
teu corpo que aconchegado
convidava a fantasia

Tu dormias recostada
e o cobertor semiaberto
deixava transparecer
no rendado o seio amado

como se a despertar desejos
convidasse a doces beijos

A cortina em doce brisa
num delicado balanço
nessa hora de descanso
num jogo de sombra e luz
deixava assim antever
por vezes teus seios nus

Ao contemplar enlevado
desse quadro a formosura
perguntei-me o que nos leva
humanos a admirar
tanto de alguém a doçura
será só a formosura?

Dir-se-ia que a beleza
É da natureza a obra-prima
Digo-vos é o amor
Onde ela ao máximo colima
A beleza é a forma fria
O amor a alma incendia

Por certo que a beleza
merece d'alma o tributo
mas é o amor o primaz
móvel da devoção
que eleva o sentimento
e confrange o coração

CLAUDIA TAJES

Escritora que sempre trata de relacionamentos em suas obras. Estreou na literatura, em 2000, com o livro *Dez (Quase) Amores*. Depois publicou *As Pernas de Úrsula*; *Dores, Amores & Assemelhados*; *Vida Dura*; *A Vida Sexual da Mulher Feia*; *Louca por Homem* e *Só as Mulheres e as Baratas Sobreviverão*.



EU (NÃO) QUERO TER UM MILHÃO DE AMIGOS

Antes, a gente fazia amigos por simpatia, afinidade, admiração e, se nada disso importasse, pela boa e velha química. Quem não amou perdidamente alguns amigos que, na teoria, não tinham nada a ver, mas que eram as melhores e mais engraçadas companhias, ainda que para dias e eventos específicos?

Daí o senhor Mark Zuckerberg inventou o Facebook (ou se apropriou da ideia, segundo a história), virou o bilardário mais jovem do planeta e transformou a amizade em commodity, este termo do economês que designa, inclusive na língua brasileira, produtos básicos e de consumo largo como o feijão, o café e o trigo. Depois do Facebook, a amizade virou ovo, milho, algodão. Perdeu completamente a marca. Basta clicar em “confirmar” e pronto, viramos amigos.

Perco a conta dos pedidos de amizade que recebo a cada dia no Facebook. Apesar de não conhecer a imensa maioria dos meus candidatos, confirmo todos. Quem sou eu para recusar alguém que me queira como amiga? Ainda assim, sabendo das minhas manias, é bom que a internet nos separe. Certamente seremos grandes amigos, basta que a gente jamais se encontre.

Hoje sou amiga de adeptos do sertanejo universitário e de adoradores da Madonna. Muitos me mandam convites para integrar as torcidas organizadas do Inter, mas esses, acho eu, só estão tirando sarro de mim. Um grupo sem-

pre me chama para Bailes da Melhor Idade e uma facção sadomasoquista volta e meia me pede para escrever seu manifesto. Mas há o outro lado. As gurias de uma confraria de leitura viraram boas companheiras e vários amigos virtuais passam adiante trabalhos e informações para seus contatos, o que gera uma divulgação e tanto.

Enquanto isso, o mundo trata de reforçar as amizades de verdade, essas que se parecem com um presente ou uma recompensa. Depois de uma cirurgia, saí do hospital meio grogue, mas com todas as razões para preferir a vida real à rede social. Os médicos foram amigos, os amigos não saíram de perto, a família esteve junto, o namorado não arredou pé por um minuto.

O Facebook é um sucesso, mas não tem jeito. Para curar de tudo, solidão, males do coração, sequelas de operação, bom mesmo é ter amigos do lado de cá do computador.

Depois do Facebook, a amizade perdeu completamente a marca. Basta clicar em "confirmar" e pronto, viramos amigos.

CLAUDIA MORAES BARTZSCH

Psicóloga com formação psicanalítica. Bacharel e
Licenciada em Psicologia pela UFRGS.
Especialista em Psicologia Clínica e em Saúde
Mental Coletiva. Servidora da Secretaria Municipal
de Saúde de Porto Alegre.



ENTARDECER

A morte tarda,
mas não falha.

Entristeço-me ao ver
a velhinha
atravessando a rua
a passos difíceis e lentos.

Penso na menina saltitante
que ela deve ter sido...
É impressionante como podemos
deixar de ser quem nós éramos!

Reconforto-me ao perceber:
ela ainda está a caminhar
de pé sob o sol.



CARLOS URBIM

Jornalista e escritor. Patrono da 55ª Feira do Livro de Porto Alegre, 2009. Obras mais recentes: *Dever de Casa*, 2011, Projeto (Infanto-juvenil), *Na Noite Estrelada*, versão em audiolivro, Libretos, 2010 (reedição), *Almanaque do Varejo de Porto Alegre*, Câmara de Dirigentes Lojistas, 2010 (História-Memória) e *Cidades Gaúchas – Paisagens Urbanas*, Edição do Autor, 2010 (Arte e Fotografia).



ADMISSÃO AO GINÁSIO

Parece que foi ontem. Durou 40 anos. De 1931 a 1971, todas as crianças que chegavam ao quinto ano primário ficavam obrigadas a se preocupar – e a se desesperar – com o terrível exame de admissão ao ginásio. Muitos pais não admitiam que os filhos rodassem. Os alunos morriam de medo das provas e, na sequência, sentiam o pânico provocado pelo livro *Admissão ao Ginásio*. De tanto pavor, onde já se viu não passar nos exames?, eram muitíssimas as noites de adormecer com alguma página do livro grudada na cara.

Para mim, aconteceu em 1959. De março a dezembro, todas as atenções dirigidas ao livro de textos adotado pelos professores da época, com 382 páginas de Português, Matemática, Geografia e História do Brasil. De capa dura, reluzente, tabelas, mapas, gravuras. Beleza. Mas era preciso estudar e reestudar tudo aquilo até os dias dos exames escritos e orais. Minha mãe, sempre econômica, tinha falado com a vizinha cujo filho passou em segundo lugar no ano passado. Pela metade do preço, conseguiu um de segunda mão, editado em 1958, que estava bem direitinho, parecia novo.

Em 2007, digitei no site Estante Virtual as palavras admissão ao ginásio. Veio por e-mail a informação de que, em todo o Brasil, havia só um exemplar disponível. No sebo Armazém do Livro, de Belo Horizonte. Outro único porém: tinha sido emprestado para uma mostra de livros raros. Não está à venda na exposição? Quando volta à loja? Olha, estou fazendo agora o depósito no banco para me enviarem o exemplar tão logo puderem.

Quando o pacote chegou, estava diante de mim uma edição de 1958! Quase tão esfolada quanto a do primeiro dono, um guri do bairro que estudava em outro colégio e nunca se preocupou com material escolar.

Então, me deu vontade de contar esta história.

Carlos não tem muito o que contar aos colegas no primeiro dia de aula. Se perguntarem, vai dizer que as de 1959 foram as piores férias da vida. Na primeira semana de janeiro, pisou numa tábua com um prego enferrujado, que alguém deixou atirada no pátio. Baita azar. Passou o resto do verão de pé direito enfaixado, curativos diários e as mais horríveis e doloridas injeções contra tétano. Andando que nem Saci Pererê, impossível brincar com o jogo de tamboretas, bola e peteca, presente de Natal. Olhava, da janela, os guris jogando bola na pracinha do bairro.

Deu, pelo menos, para ouvir bastante rádio. Se a gurizada da rua brincava na rua, Carlos ficava na cozinha de casa, perto da mãe, grávida de sete meses, ouvindo músicas e notícias enquanto ela preparava o almoço ou o jantar. As músicas de Carnaval mais tocadas foram o samba do "Chora, doutor, chora, que o medo de ficar pobre lhe apavora" e a marchinha do "Vai ver que é. No baile do teatro, ele diz que é Salomé, vai ver que é, vai ver que é". Mas, com certeza, o maior sucesso foi mesmo a "Taça do Mundo é nossa, com os brasileiros não há quem possa", que antecipou o Carnaval quando, em junho do ano passado, todos cantavam para comemorar o primeiro Campeonato do Mundo conquistado pelo Brasil na Suécia.

Parece que as marchinhas lançadas em 1958 eram mais divertidas. Tinha aquela da macaca de auditório: "Ela é fã da Emilinha, não sai do César de Alencar, grita o nome do Cauby e depois de desmaiar pega a Revista do Rádio e

começa a se abanar". É sempre assim. Desde novembro, as rádios tocam sem parar as músicas compostas para o próximo Carnaval. A gente vai ao cinema, há as chanchadas que também apresentam as composições carnavalescas mais recentes. Mas, no fim, em todo o Brasil, o que mais cantam e dançam nos bailes são os antigos sucessos, como "Mamãe, eu quero mamar", "Oh, jardineira, por que estás tão triste?", "Eu sou o pirata da perna de pau, do olho de vidro, da cara de mau", "Ó abre alas, que eu quero passar".

A Rádio Cultura, entre as músicas feitas para 1959, também não para de dar um montão de notícias sobre a revolução em Cuba e as obras de construção de Brasília, que no próximo ano, a partir de abril, será a nova capital do país. A toda hora há novidades sobre Fidel Castro em Havana, que está em pé de guerra, e os discursos do presidente brasileiro sobre progresso nacional, desenvolvimento acelerado, prometendo fazer e acontecer. Até no açougue e no armazém as pessoas comentam que os comunistas derrubaram o ditador cubano justo no primeiro dia do ano. E algumas dizem que, para erguer Brasília, o governo está derrubando milhares de árvores na região do Cerrado de Goiás, para construir o futuro Distrito Federal. O Rio de Janeiro vai deixar de ser a capital. E a maior parte dos cariocas está furiosa com a troca anunciada.

Entre os colegas do quinto ano, a maior parte vem junto do quarto, no ano passado, quando a professora foi a Dona Carmem. Agora, vai ser a professora Vilma. Até a diretora bater a sineta, na roda das gurias a que mais fala é a Mara, que no Carnaval deste ano foi rainha do baile infantil do Clube Comercial. Entre os guris, os parentes de estancieiros contam sobre as semanas que passaram lá fora, onde há caçadas no mato, lida com o gado e banhos de açude. Os outros, que jogaram bola na cidade o verão todo, corneteiam os perdedores da finalíssima, disputada

no campinho da Praça Getúlio Vargas com bola de couro número cinco, presente de Natal do Francisco.

Na hora de entrar, como é o primeiro dia de aula, todos têm que cantar o Hino Nacional. Uniformes novinhos, engomados com amido pelas mães. Os guris têm calça curta, guarda-pó branco e gravata azul marinho. As gurias usam avental branco inteiro, com um imenso laço de fita também marinho em vez de gravata. No bolso esquerdo superior, todos trazem as iniciais do grupo escolar, bordadas com linha azul. Depois de cantar, vão em fila para a nova sala, cada um querendo escolher o melhor lugar.

Foi bem aí que Dona Vilma tirou da pasta o livro para se saber de cor e salteado até dezembro. *Admissão ao Ginásio*. O mesmo que Carlos encapou com papel par-do para proteger as páginas. Desde ontem, não para de percorrer tudo, do começo ao fim. Nas páginas iniciais há o índice com as matérias. De arrepiar. Em Português, por exemplo, classificação dos fonemas, acento tônico, partes do discurso, notações léxicas, flexão dos substantivos, graus dos adjetivos, hiatos, ditongos e outras regras. Em Matemática? Potência, divisibilidade, números primos, máximo divisor comum, mínimo múltiplo comum, conversão de fração ordinária em número decimal. Cruz credo! Já pensou perguntarem uma coisa dessas em prova o-r-a-l?

ANGELA DAL POS

Promotora de Justiça



CARTAS

Olhou fixamente para as duas cartas sobre a mesa. Depois para a mulher que embaralhava as que sobraram.

Não acreditava em cartomantes, no entanto estava ali, atenta às cartas e à mulher. "Só por curiosidade".

Uma, um navio em alto mar; a outra, um céu azul escuro, cheio de estrelas. O que significariam? Uma viagem? Óbvio demais.

Enquanto a mulher embaralhava as cartas e ia tirando outras, colocando sobre a mesa, abaixo daquelas duas, ela tentava adivinhar o significado das duas primeiras cartas e se aquilo fazia algum sentido.

"O que eu estou fazendo aqui? E se essa mulher disser alguma desgraça? Certo, eu não acredito, não preciso me preocupar."

A cartomante terminou de abrir as cartas sobre a mesa, passando a estudá-las atentamente.

Ana fitava o rosto da vidente, tentando adivinhar alguma expressão.

– Vejo uma viagem para breve em sua vida.

"Ih, essa mulher é falcatrua. Essa até eu já sabia" pensou a moça. Aí lembrou que suas amigas diziam que aquela mulher era bruxa, que acertava tudo. "Ok, paciência, vamos ver o que ela tem a dizer".

– ...para outro Estado.

"Hum, interessante, isso eu não sabia". Ana começou a gostar. Tudo que queria era passar umas férias fora.

De preferência na Bahia, ou onde fosse calor. Tentou não demonstrar qualquer expressão: “não vou facilitar a vida dela”.

– ...você passou por um momento conturbado em sua vida, mas agora vai começar a superar. Uma pessoa que gosta muito de você vai aparecer e te ajudar.

“É falcatrua mesmo, já viu coisa mais genérica que essa: ‘você passou por um momento difícil’, e quem não passa?, mas quem será essa pessoa que gosta muito de mim?”

– ...alguém que você não conhece, um pouco mais jovem.

– É homem ou mulher? – interrompeu, curiosa.

– Mulher – respondeu a bruxa.

– Ah... – falou a moça desanimada. Desde que terminou seu relacionamento, há algum tempo que ninguém interessante aparecia. Na verdade, só por isso tinha aceitado o conselho de suas amigas e ido até aquele lugar. “Por curiosidade”, queria ver o que a cartomante ia dizer.

– Essa aqui é você – disse, apontando para a carta onde aparecia uma moça. E essa aqui ao lado é a pessoa que você vai conhecer. A chave confirma.

“Que graça!” pensou. Não queria conhecer uma mulher.

– E o céu, o que é? – resolveu perguntar, na esperança de algo mais interessante.

– Calma, preciso da segunda rodada para confirmar. Não posso dizer ainda. Não é uma coisa muito boa.

– Ah não, agora conta.

A mulher não lhe deu ouvidos. Recolheu as cartas,

embaralhou o maço e recolocou em ordem decrescente. Ana já estava perdendo a paciência. “Que será, hein?”

Finalmente, a vidente falou:

– Você receberá uma notícia.

– Por telefone?

– É possível. Então fará uma viagem e terá problemas...

– Na viagem? Ah não, eu adoro viajar, viajo todo o tempo, e agora? Quando é, para onde?

– Só dá para ver que é um meio de transporte rápido, e não é carro, mas não quer dizer que...

– Então é avião – interrompeu de novo. – Droga! E agora, hein? Como é que eu vou para o nordeste? Vou ter que ir de carro? Ônibus é considerado transporte rápido? Vê aí, vê aí.

– Tem algumas nuvens na volta... – disse a vidente, referindo-se ao fato de que estava difícil visualizar o meio de transporte específico.

– Nuvens? – interveio Ana, sem ouvir mais nada. – Eu sabia que era de avião. Só podia. Eu sempre tive medo. Devia ser um aviso. Agora vou como? Vou levar três dias de ônibus. – Que azar! Será que é melhor eu cancelar?

Pegou a cartomante pelos dois braços e começou a sacudir:

– Vê aí, vê aí se eu tenho que cancelar. Já que o avião vai cair, talvez seja para eu não ir nem de ônibus. O que eu faço, me diz, me diz?

A mulher já não sabia mais o que fazer. Um pouco assustada, falou:

– Eu não disse que o avião ia cair...

- Eu não quero morrer, eu não quero morrer, por favor me salva, me salva – gritou desesperada a moça, ainda sacudindo a cartomante.

A mulher levantou-se de súbito e deu dois tapas na cara de Ana que, então, parou e ficou olhando-a atônita.

- A senhora me mata aí nas cartas e ainda dá em mim? Eu vou me embora. Tenho que cancelar meu vôo.

Saiu sem pagar, batendo a porta atrás de si.

ALANCARDINO VALLEJOS

Magistrado aposentado, poeta, professor,
com artigos jurídicos publicados na
Revista da Ajuris e citados no
CPC de Theotônio Negrão.



CINZEL ESCURO

Sim. Do meu cinzel arranquei muitas dores,
Nenhuma dor que seja tão pungente
Quanto a dor que se refere às gentes,
Que se matiza em trágicos amores.

Sim, do meu cinzel tirei meus estertores.
Piquei-me a alma de forma gemente,
E com terríveis gritos, estupidamente,
Matizei-me de cálidos amores.

Sim, do meu cinzel expus meus dissabores.
Das amarguras de escultor demente
Arranquei cor, página, insolente
E castiguei em mim meus mil amores.

Sim, do meu cinzel dei vida a mil horrores.
E quando a Negra Noite fez-me penitente
Eu gargalhei, murchado e impotente,
Culpado único de viver amores.



AFIF JORGE SIMÕES NETO

Juiz de Direito.

Em 2005, publicou a biografia *Em Nome do Pai*, e, em 2007, *O Cofre* (crônicas). Livro mais recente:

Um pequeno rio não corre para o mar
(crônicas), WS Editor, 2011.



FELIZ ANIVERSÁRIO É O QUE ME DESEJO

Recebi cumprimentos pelo meu meio século de vida. Algumas pessoas me disseram que estou na melhor fase, e que a parte boa começou agora. Outras, mais sensatas, sentiram muito. A utopia não é minha praia. Herdei uma lucidez que tanto me fere. Seria leve sem o seu fantasma agourento. Gostaria de ser presenteado com uns 20 anos a menos. Já que não posso dispor de tão promissor regalo, queria sonhar, ainda que acordado, olhos postos no poente encarnado. Alguns sonhos fortuitos, como comprar uma casa no Mediterrâneo, para veraneio, ou alguma escapada para esquiar nos Alpes suíços. De preferência sozinho. Ou melhor, eu e Deus, pois a minha insanidade não chegou ao ponto de dispensá-lo, sendo Ele a mais agradável das companhias, certamente com histórias do arco-da-velha para contar aos circunstantes.

Mente quem de nós, ao buscar um filho no colégio, na aula de violão, não teve o súbito desejo de dobrar na rua oposta e alinhar, picar a mula, e voltar depois de um mês bem cheio no calendário, daqueles de 31 dias e algumas sobras. A explicação seria que, deitado na areia branca de Bombinhas, tomando uma água de coco, a memória voltou, sem mais nem menos, igual às garrafas com mensagens jogadas ao mar. A amnésia passou e já sei quem sou: uma mistura aflita de poesia e perversão. Volveria para as afeições que me cercam corroído de saudade, e tudo se faria inteligível.

Acontece que a realidade é fera indomada. Nem me separando retornaria a ser o que fui quando por inteiro. Faz

tempo que me tornei organicamente desigual, impregnado pelo rolar das pedras que afetou o número de mitocôndrias nas minhas células. Até o DNA mostra-se diferente. Sou abençoado, tenho um casal de filhos que superou em muito a minha expectativa, e uma pacata transmutação farta de benevolências. Mas, cá entre nós, nunca fui tão feliz do que quando o nosso time estava completo lá na casa de São Sepé. Aquilo é que era vida. As minhas irmãs jogando handebol entre o portão e a garagem, e eu abobado com a barulheira da minha 125 vermelha, derradeiro brinde da avó materna. Daria vários e vários meses dos que tivesse eventualmente à frente pelo retorno do meu pai nem que fosse apenas uma semana. E também faria o que me pedissem para jamais me despedir da minha mãe. Trago comigo a certeza de que somos bem mais do que uma família, talvez uma “Loja Maçônica 1014”, um tipo de seita a ser definida pelos doutores, algo assim!

Mas o tempo urra – como todo animal selvagem aprisionado –, e a argila que nos modelou lá atrás se esfarinha aos poucos, para que a gente não se assuste tanto da sua pressa incontida de virar pó. Não há sequer espaços dentro de mim para divagações acerca do imaterial, pois o relógio da catedral não cede aos meus apelos de girar ao contrário.

Tenho dado risadas de tudo, principalmente de mim, do meu jeito inútil de querer andar no trilho. Acho que é a maior prova de maturidade que possa oferecer. Rir das bobagens que pratico no varejo, com um riso tão infantil que já estaria penitenciado. A essa altura, tenho de saber que o pior de todos os pecados é o de se adiar a menor das alegrias.

ADAIR PHILIPPSEN

Juiz de Direito,
integrante do Departamento Cultural da AJURIS.
Obra mais recente: *Vitral de Letras*. Poemas,
WS Editor, 2009.



ANHÃ DE DOMINGO

*As rosas não falam
Simplesmente as rosas exalam
O perfume que roubam de ti, ai.*

(Cartola)

Ao toque das ave-marias saiu em direção ao centro. No vaivém das calçadas enfrentou a balbúrdia do final de semana. Parou em esquinas rente a sinaleiras. Competiu com pedintes, vendedores de jornais e entregadores de folhetos. Ingressou em bares, restaurantes e casas noturnas.

O ramalhete diminuía em proporção inversa ao convite à compra. Um botão de rosa aqui, outro acolá, embora oferta e aceitação se assemelhassem ao próprio jogo de encantamento, à quebra de resistência, assegurado pelas flores.

Remoeu estóico sem-número de não, lançados ora com indiferença ora com ironia por casais indispostos em reacender a chama da paixão.

– Sou velho demais para dar flores – participou-lhe um senhor avançado em anos.

Mais adiante escutou duma jovem, braços enrodilhados no pescoço do acompanhante, a observação pontilhada de desdém:

– De espinhos a vida tá cheia.

Ignora a moça, observou para si, a capacidade da flor de atenuar o abismo entre duas pessoas e de servir de alimento ao coração.

Essas mulheres seriam tão diferentes de Marisa, a sua querida Marisa?

Com suas pétalas a insinuar lábios carnudos, na madrugada as rosas porém fascinaram alguns pares de apaixonados.

Homens embevecidos na revelação de afeto regalavam as acompanhantes sugadas pela beleza e encantadas pelo perfume das rosas. E mulheres, ciosas e cientes do simbolismo daquele gesto, expunham sorrisos de satisfação sem ocultar a garantia de serem amadas. Então aos sussurros segredavam coisas nos ouvidos de seus pares e escancaravam a sensualidade dos lábios no intercâmbio de beijos ardentes.

E assim as suas rosas pousaram no colo e na lembrança de moçoilas e idosas, cândidas e impuras, elegantes e andrajosas.

Remanesceu o derradeiro botão de rosa amarela. Do qual não se desfez. E nem quis mais vendê-lo, mesmo com o ganho reduzido à nonada.

Voltou para casa extenuado. Trouxe consigo a última rosa. A rosa destinada à Marisa, guardou num caneco com água a fim de manter o viço.

Pelo despertador acorda às oito. Faz frio nesse domingo, Dia das Mães. Veste o terno de lã azul-marinho com colete e sai a bater pernas, igual à noite passada, agora liberto da preocupação de granjear compradores para suas rosas.

Quando para, reza em silêncio um Pai-Nosso, beija a flor e a deposita delicadamente sobre o jazigo de Marisa, a sua inesquecível Marisa.